

AS CONTRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO ESCOLAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: PERSPECTIVAS PARA SUA COMPREENSÃO

Francisca Samaritana Saudita de Oliveira Veras ¹

Leidiane de Carvalho Araújo ²

Nara de Lourdes de Oliveira Pereira ³

RESUMO

O presente artigo científico, por meio de ampla pesquisa bibliográfica aborda uma temática relevante para sociedade que é o papel do psicólogo na escola que atende crianças do ensino fundamental com dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita. Diante disso, há uma necessidade de discutir temas tão recorrentes no âmbito escolar, apresento como objetivo deste estudo: explicar as contribuições do psicólogo na escola, e como se dá a participação no âmbito escolar, identificar os principais aspectos em que a participação do psicólogo na escola pode auxiliar no aprendizado das crianças com dificuldades em leitura e escrita e explicar como a intervenção do psicólogo na sala de aula pode contribuir nas práticas pedagógicas das professoras para levar os alunos aos saberes sistematizados. No referencial teórico a pesquisa foi fundamentada em alguns autores como Pfromm Neto (2001), Bock, Furtado e Teixeira (2002), Santos (2002), Soares (2010) entre outros. Optou-se pela abordagem bibliográfica. Concluímos que o psicólogo teve apoiar-se em seus pressupostos teóricos, por sua vez, já articulados ao conhecimento educativo, garantindo uma contribuição no âmbito escolar. Então, a ação do psicólogo escolar deve desenvolver-se prioritariamente com os professores e não com os alunos, contribuindo para que eles estejam cada vez mais fortalecidos e instrumentalizados para uma atuação de qualidade junto ao alunado.

PALAVRAS-CHAVE: Psicólogo Escolar, Professores, Psicólogo, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz resultados de um estudo bibliográfico sobre a presença do psicólogo no âmbito escolar e as contribuições desse profissional no processo de escolarização de crianças com dificuldades de leitura e escrita.

A temática sobre presença de um psicólogo escolar sempre me interessou, pois durante os anos que me dediquei à docência percebia que muitas crianças por mais que tentassem, simplesmente não conseguiam aprender conteúdos simples e não havia nenhuma razão ou deficiência pelo menos aparente para que isso acontecesse e, muitas vezes a rotulação era de incapazes, burros ou mesmo preguiçosos. O interessante é que o sentimento negativo do professor diante de destes alunos muitas vezes acabava por produzir uma baixa autoestima e consequentemente sofriam com a indiferença dos seus próprios companheiros de sala. E qual a consequência disso? As crianças ficavam esquecidas em sala de aula e não se

¹ Mestranda do Curso de ciencias da educação pela Universidade Autonoma de Assunção – UAA, eng.agroveras@hotmail.com;

² Graduada em pedagogia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, leidy.md86@gmail.com;

³ Graduada em pedagogia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI nara.nr@hotmail.com;

criava possibilidades de conseguir progredir nos estudos. Dessa maneira o assunto abordado sempre me incomodou. E o grande questionamento era a quem recorrer ou intervir nesse processo.

Durante o ano 2018 na escola que trabalho tivemos por 7 meses letivos a presença de uma psicóloga em sala de aula especialmente no 2º ano do ensino fundamental menor. E, observamos que houve uma mudança no discurso das professoras com relação o comportamento e aprendizagem dos educandos com dificuldades de aprendizagem.

Sabemos que as origens e o desenvolvimento da psicologia escolar segundo Pfromm Neto (2001) refere que, inicialmente, essa área tinha o compromisso ou intenção de promover o bem-estar e o desenvolvimento saudável das crianças em idade escolar. Aperfeiçoar a atuação do psicólogo em formação nos contextos educacionais precisamos considerar uma prática que há muito tempo vem sendo discutida por pesquisadores e estudiosos da área e, permeada por desafios impostos a qualquer processo formativo.

As reflexões desses modelos de atuação desenvolvidas por pesquisadores no campo da psicologia escolar conduziram a muitas críticas, pois essas orientações pareciam não dar suporte as novas demandas encontradas no contexto educacional. As críticas surgidas a partir dessa forma de atuação desencadearam mudanças na atuação profissional (Almeida, 2002).

Dessa forma, a atuação do psicólogo escolar tem sido pauta em muitos debates os estudiosos, pesquisadores e professores universitários, segundo a afirmação de Guzzo (1996, p. 75), a legislação que respalda a psicologia como prática profissional e formação tem “características bem generalistas e responde pouco às demandas mais modernas da sociedade brasileira”. Diante do exposto, a psicologia escolar no Brasil tem percorrido uma história cheia de contradições e dificuldades, e ainda não há no país uma especificidade no título profissional, ou seja, não existe um modelo de atuação difundido e estudado, e isso dificulta uma prática competente no contexto educacional (Almeida, 2002; Guzzo, 1996; Correia, 2004).

No que tange à realidade do sistema educacional brasileiro, pode-se observar o quanto ainda é preciso avançar para o ingresso dos profissionais da psicologia nas escolas públicas, onde estuda a quase totalidade das crianças do país. Junto com a ausência de políticas públicas que garantam o ingresso de psicólogos na rede pública de ensino, soma-se o despreparo observado no percurso formativo. A resultante dessas lacunas materializa-se nas dificuldades para que a psicologia escolar possa ser utilizada como ferramenta para a promoção do desenvolvimento de crianças e adolescentes (Penteado e Guzzo, 2010).

O psicólogo quando chega à escola geralmente encontra um ambiente complexo e extrínseco ao seu espaço de atuação, ou seja, a falta de uma especificidade do trabalho do psicólogo no contexto educacional dificulta uma atuação precisa e eficaz.

Alguns autores discutem sobre essa dificuldade encontrada pelos psicólogos para se adequarem ao sistema escola e desempenharem um papel relevante, autores como (Correia, 2004; Guzzo, 1996; Martins, 2003; Almeida, 2002). Guzzo (1996) destaca a dificuldade de articular teoria e prática e a ausência de modelos para atuação profissional. Já Correia (2004) menciona que o conhecimento ou o “não conhecimento” da profissão do (a) psicólogo (a) pela comunidade escolar é considerado um grande desafio para atuação do psicólogo.

Porem mesmo com os percalços encontrados pelos os psicólogos no âmbito escola há ainda os que conseguem através de um trabalho interdisciplinar um desenvolvimento de ações junto aos educadores e a comunidade escolar, proporcionando criar espaços de diálogos para que problemas e desafios vivenciados na instituição possam ser discutidos, refletidos e compartilhados com intuito de buscar soluções e estabelecer novas formas de olhar o aluno e evitar a rotulação que é tão comum no ambiente escolar.

Dessa forma precisamos discutir e debater sobre o exposto conforme a afirmação de Bock (2004) sinaliza que na sociedade capitalista, em defesa das diferenças individuais, emerge a necessidade de uma ciência que estude o indivíduo como tal, isolado de seu contexto e responsável por aproveitar as oportunidades que seriam iguais para todos. Nesse cenário, a psicologia se apresentava como ciência a-histórica e capaz de cumprir essa promessa.

Diante disso, esse estudo tem como objetivo geral explicar as contribuições do psicólogo na escola, e como se dá a participação no âmbito escolar. Para tanto, elencou-se como caminho metodológico a pesquisa bibliográfica, pesquisado na literatura científica de publicações mais recentes em conferencias e revistas, quais são as contribuições do psicólogo escolar para crianças com dificuldades de aprendizagem, no trabalho dos seguintes autores: Rotta(2006), Gómez e Terán (2009), Osti (2012), Santos (2002), Soares (2010) entre outros.

Desenvolvimento

1.1 Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita

As dificuldades de aprendizagem especialmente com relação a leitura e escrita, são assuntos que têm sido discutido ao longo dos anos por vários estudiosos, pesquisadores,

estudantes de educação, pois a escola não tem executado com sucesso uma das suas funções principais que é a acesso ao conhecimento historicamente acumulado, no caso dessa pesquisa, da leitura e da escrita. Embora seja amparada pela Constituição Federal, ECA, LDB 9394/96 e, dentre outras, todas destas apararam o ingresso e a permanência de todos na escola, no entanto o que se constata é que, muitos discentes não foram excluídos fisicamente das escolas, todavia são excluídos do conhecimento que a escola tem a oferecer. Dessa forma a escola não tem cumprido a tarefa de transmitir os conteúdos historicamente acumulados, produzidos e socialmente necessários aos seus alunos.

Segundo Sánchez (1998, apud OSTI, 2012), a história das dificuldades de aprendizagem é dividida em três etapas, sendo que a primeira é a de fundação e abarca toda a época anterior a fundação oficial do campo das dificuldades de aprendizagem. A segunda é intitulada de primeiros anos e tem início em 1963, indo até 1990, sendo marcada pela reunião de pais que foi realizada em Chicago com vários médicos e outros especialistas com o intuito de promover explicações sobre estas dificuldades. Nesta etapa são abandonados os modelos médicos e passa-se a incluir modelos institucionais e educativos. A última etapa é a de projeção, que se inicia nos anos noventa e caracteriza-se pelo envolvimento de vários profissionais, pesquisadores e pais tanto na área educacional como clínica, havendo uma grande evolução de estudos nessa área.

Embora as dificuldades de aprendizagem tenham se tornado o foco de pesquisas mais intensas nos últimos anos, elas ainda são pouco entendidas pelo público em geral. As informações sobre dificuldades de aprendizagem têm tido penetração tão lenta que os enganos são abundantes [...] (SMITH; STRICK, 2012, p.15)

Aprender é um processo amplo, complexo e contínuo que se inicia desde nosso nascimento e vai se dando de acordo com nossa maturação biológica e psicológica. Na visão de Gómez e Terán (2009, p.31) “a aprendizagem supõe uma construção que ocorre por meio de um processo mental que implica na aquisição de um conhecimento novo.”, contudo o processo de aprendizagem para além dos aspectos cognitivos abarca também as relações sociais uma vez que é sempre na relação com algum objeto ou com o outro que a aprendizagem acontece. Para Osti (2012, p. 33) a aprendizagem envolve:

[...] um processo constante de equilíbrio e desequilíbrio, uma reorganização interna do que é assimilado para posteriormente adquirir novos conhecimentos, consiste, pois, na modificação dos esquemas cognitivos.

Em relação a dificuldade de aprendizagem, alguns estudiosos a retratam como “[...] problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

comunicar informações.” (SMITH; STRICK, 2012, p.14). Nesta perspectiva os autores tratam da dificuldade de aprendizagem estritamente como um problema neurológico. Uma outra visão sobre o tema é apresentada por Osti (2012, p. 47) que afirma:

As dificuldades de aprendizagem abrangem vários fatores, uma vez que envolvem a complexidade do ser humano. Acredita-se que podem ser decorrentes de um problema fisiológico, um estresse grande vivido pela criança, como, por exemplo, problemas familiares envolvendo a perda de algum parente, problemas com alcoolismo ou drogas, separação dos pais, doenças, falta de alimentação, falta de material e estímulos, tédio na sala de aula, baixa autoestima, problemas patológicos como TDH (transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade), dislexias, psicopatias, alterações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, problemas no ambiente doméstico e/ou escolar.

Nesta perspectiva a dificuldade de aprendizagem é associada para além dos fatores neurológicos, abarcando também fatores psicológicos, biológicos e ambientais. Percebemos então que estas dificuldades podem ser geradas tanto por fatores intrínsecos como fatores extrínsecos ao ser humano, uma vez que “um cérebro com estrutura normal, com condições funcionais e neuroquímicas corretas e com um elenco genético adequado, não significa 100% de garantia de aprendizado normal.” (Rotta, 2006, p.113).

1.2 O psicólogo e suas contribuições no âmbito escolar

A presença do psicólogo na escola possibilita aos educadores uma ferramenta a mais para compreender a personalidade de seus alunos. Ou seja, mostrar-lhes que as suas atitudes, relações, afetos, comportamentos com eles farão parte do que os constituirão como pessoa, ou seja, determinarão as suas personalidades. Dessa forma, o educador a partir dos conhecimentos adquirido com as trocas de experiências com os psicólogos, eles possam perceber a subjetividade de seus alunos, assim de como qualquer outro ser humano, será formado nas suas inter-relações. São suas experiências cotidianas, os sentidos que cada um dá para elas, é que formará a sua individualidade.

A psicologia escolar deve levar em consideração de como se forma a subjetividade do aluno. Para a psicologia sócio-histórica, segundo Aguiar (2000) é formada através das apropriações que as pessoas fazem das objetivações dos seres humanos. Essas [objetivações] que são produtos da atividade social humana ao longo da história, por exemplo, linguagem, instrumentos. Assim, o ser humano a partir do momento em que se apropria das objetivações

humanas com a indispensável ajuda de outro ser humano, transforma-as como seu, atribuindo sentidos a elas, se autoproduzindo e reproduzindo essas objetivações- a cultura humana. Diz Pan e Cols (2011 p. 8) que os processos de objetivações e apropriações se constituem como mola propulsora tanto do desenvolvimento sócio-histórico da subjetividade, quanto do desenvolvimento da sociedade, do gênero humano.

Ter um psicólogo nas dependências da escola facilita o trabalho do professor em vários aspectos, é um apoio no desenvolvimento cognitivo e social do educando, pois cabe ao psicólogo escolar, por exemplo, mostrar aos professores que a maneira como eles tratam seus alunos é importante, e que a subjetividade do educando está em constante formação, nas inter-relações, e que se o educando não apresenta um bom comportamento isso não é algo inerente a ele, ou a um grupo que ele pertença, mas sim, foi construído no seu contexto histórico, e determinado por ele.

Outra competência do psicólogo escolar apresentada na escola pesquisada foi levar as professoras compreender que o fracasso escolar não é um problema do indivíduo, algo inerente dele, mas fruto das relações que ele mantém e manteve em seu desenvolvimento.

Checchia (2003) promover reflexões a respeito de práticas sociais e escolares que produzem os problemas de aprendizagem; se perguntar quem é este sujeito escolar, de onde veio, como estudou, quais oportunidades teve, quais os professores passaram por sua história e como se deu essas relações. Além de tentar despertar a reflexão dos vários fatores que interferem na produção da queixa escolar, procurando entender qual o local que o aluno se insere na relação com a escola.

Outro aspecto observado durante a atuação da psicóloga na escola foi levar os docentes a refletir sobre a sua prática em sala de aula, que são ponto de referencia para seus discentes, influenciadores e mediadores do saber. Para Meira (2003) o psicólogo escolar deve criar condições para que os docentes repensem e problematizem suas práticas; ajuda-los na compreensão do importante papel que tem como agentes da história; auxiliar na compreensão crítica em relação ao psiquismo, desenvolvimento humano, e de suas articulações com a aprendizagem e as relações sociais. A professora Margarida diz que: “ ter um profissional que nos auxilia em sala de aula nos problemas que encontramos diariamente é dividir um pouco as nossas angustias, compreender como enfrentar os percalços diários e buscar soluções à luz do conhecimento psicológico e relevante para nós”

CONCLUSÃO

A pesquisa proporcionou compreender a importância da presença do psicólogo na escola e suas contribuições em relação as dificuldades em leitura e escrita. Acreditamos que a realidade observada e vivenciada na instituição seja compartilhada por muitas outras, pois o psicólogo escolar proporcionou ao professor compreender a importância de sua atividade na formação da constituição da subjetividade do indivíduo, e levando a reflexão sobre a inter-relação aluno-professor é essencial para o fracasso ou sucesso da educação.

A princípio relacionar a psicologia à educação para alguns professores é algo novo, mas necessário diante do contato direto com esse profissional. Para uma relação de saudável e proveitosa é preciso conhecer os temas da educação e o funcionamento da escola enquanto instituição característica para que estes conhecimentos da área da psicologia possam ser articulados.

(...) sou a favor dos psicólogos práticos, a favor do trabalho prático e, portanto, em sentido amplo, a favor da ousadia e do aprofundamento de nosso ramo da ciência na própria vida. (Vygotsky, 1968). Esse trabalho prático que se refere Lewis Vygotsky, não é um trabalho aquém da teoria, nem uma superposição do campo psicológico sobre o educacional, e sim um trabalho de reflexão da prática a partir da teoria.

Dessa forma, o psicólogo teve apoiar-se em seus pressupostos teóricos, por sua vez, já articulados ao conhecimento educativo, garantindo uma contribuição no âmbito escolar. Então, a ação do psicólogo escolar deve desenvolver-se prioritariamente com os professores e não com os alunos, contribuindo para que eles estejam cada vez mais fortalecidos e instrumentalizados para uma atuação de qualidade junto ao alunado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W.M.J (2010). Reflexões a partir da Psicologia Sócio Histórica sobre a Categoria “Consciência”. Caderno de Pesquisa, n 110, 125-142.

ANTUNES, M. M. (org). Psicologia Escolar: Teorias Críticas. São Paulo, Casa do Psicólogo, p.105-138.

Almeida, S. F. (2002). O psicólogo no cotidiano da escola: Re-significando a atuação profissional. In R.S. Guzzo. Psicologia escolar: LDB e educação hoje (pp. 77-89). Campinas: Alínea.

Almeida, S. F., & Neves, M. M. B. (2003). A atuação da Psicologia Escolar no atendimento dos alunos encaminhados com queixas escolares. In S. F. Almeida (Org.). Psicologia Escolar: Ética e competência na formação e atuação profissional (pp. 83-103).

Andrada, E. G. (2005). Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 196-199.

Bock, A. M. B. (1997). Formação do Psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. *Psicologia Ciência e Profissão*, 17, nº 2, 37-42.

Branco, M. T. C. (1998). Que profissional queremos formar? *Psicologia Ciência e Profissão*, 18, nº 3, 28 – 35.

Campinas: Alínea. Almeida, S. F., & Marinho-Araújo, C. M. (2005). *Psicologia Escolar: Construção e consolidação da identidade profissional*. Campinas: Alínea.

Collares, C. A. L. e Moysés, M. A. A. (1996). *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. São Paulo: Cortez Editora, Campinas: UNICAMP/Faculdade de Educação/Faculdade de Ciências Médicas.

Correia, M. (2004). O desafio do cenário escolar para o profissional da psicologia: Por onde começar? In M. Correia (Org.). *Psicologia e escola: Uma parceria necessária* (pp. 61-82). Campina: Alínea.

Freller, C. C. (1993). *Crianças portadoras de queixa escolar: um enfoque “winnicottiano”*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GIL, A.C. Delineamento da pesquisa. In: _____. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 64-74.

Guzzo, R. S. (1996). Formando psicólogos escolares no Brasil, dificuldades e perspectivas. In S. M. Wechsler (Org.). *Psicologia escolar: Pesquisa, formação e prática* (pp. 75-89). Campinas: Alínea.

KITCHENHAM, B. A., CHARTES, S. Guidelines for performing systematic literature reviews in software engineering. Relatório Técnico EBSE 2007-001, Keele University and Durham University Joint Report, 2007.

Kupfer, M. C. M. (2000). *Educação para o futuro: Psicanálise e Educação*. São Paulo: Escuta.

Leite, L., & Valle, R. (2003). Psicologia escolar: Um duplo desafio. *Psicologia Ciência e profissão*, 23 (1), 22-29.

Machado, A. M. M. (1996). *Reinventando a avaliação psicológica*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Martins, J. B. (2003). A atuação do psicólogo escolar multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 39-45.

Martinez, A. M. (2003). O psicólogo na construção da proposta pedagógica da escola: áreas de atuação e desafios para formação. In S. F. Almeida (Org.).

MEIRA, M. E. M. (2003) Construindo uma concepção crítica de Psicologia Escolar: contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Sócio-Histórica. In MEIRA, M.E.M.; ANTUNES, M.M. (orgs). Psicologia Escolar: Teorias Críticas. São Paulo: Casado Psicólogo, p.13-77).

OSTI, A. Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais: reflexões para a formação docente. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

PAN, M.A.G.S e cols (2011). Subjetividade: Um diálogo Interdisciplinar. Subjetividade: Um Diálogo Interdisciplinar. Interação em Psicologia, 15 (n. Esp),1-13.

Pfromm Netto, S. (2001). As origens e o desenvolvimento da psicologia escolar. In S. M. Wechsler (Org.), Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática (pp.21-38). Campinas: Alínea.

ROTTA, N.T. Dificuldades para a aprendizagem. In: ROTTA, N.T. Transtornos da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.113-123.

SMITH, C; STRICK, L. Dificuldades de Aprendizagem de a-z: guia completo para educadores e pais. Ed. rev. ampl. Porto Alegre: Penso, 2012.

SOUZA, M. P. R; CHECCHIA, A.C.A. (2003). Queixa escolar e atuação profissional: apontamentos para a formação do psicólogo. In MEIRA, M. E. M.;